

# O VIMARANENSE

JORNAL POLITICO E NOTICIOSO.

Administrador, Antonio Vieira Correa da Cunha.

N.º 666

SEXTA-FEIRA, 2 DE FEVEREIRO DE 1871

IX ANNO

## GUMARÃES, 1 DE FEVEREIRO

Os reis e os governos não são, como se tem pretendido, imagens de Deus sobre a terra: a sua influencia na prosperidade das nações é limitada. Calamidades naturaes existem, uma peste, uma colheita deficiente, muito mais funestas do que um inhabil ministro da fazenda. Os tributos absorvem apenas uma tenue parte da riqueza de um paiz a qual consiste no trabalho dos seus filhos e nos capitães acumulados das antigas gerações.

Povos tem havido oprimidos por maus governos e vivendo na opulencia; outros com excellentes magistrados jazem na miseria.

Ainda assim, um ministro da fazenda não é um ente inoffensivo e o publico tem o direito de syndicar dos seus actos.

É uma singular contradicção a de certos optimistas da ultima hora os quaes presumem de raciocinar segundo os preceitos da sciencia attribuindo a certo grupo de homens, que o paiz desapprovou, as delicias em que, ao dizer d'elles, o paiz está nadando.

## FOLHETIM

Poemas moraes: — *Biblias* — *Biblia-Guyot*.

(TRADUCCÃO)

As *Biblias* são verdadeiras composições moraes e satyricas, que tinham por fim instruir e censurar, na idade media, todas as classes da sociedade. Guyot de Provins, frade e rhymador sentencioso e melancolico, illustrou-se nestas composições.

Guyot é um bom homem tagarella, inquieto e descontente a quem o habito incommoda; porem serve-se d'elle para correr o mundo e para declamar a vontade contra o convento. Vae e vem de Clairvaux a Cluny, de França à Allemanha, gritando, esconjurando-se, increpando os nobres, os abbades, os negociantes, sermonando como um homem d'Egreja, maldizente como um burguez, lamentando-se a respeito de tudo; conservando todavia, como Panurgio, no meio da tristeza e da melancolia que o acomette, seu inalteravel amor pelos bons bocados e uma profunda aversão pelo perigo.

Dou siecle puant et orrible M'estuet (1)  
commencier une Bible.

(1) Apraz-me

A solução das difficuldades presentes não me parece que dependa da comparação do que fomos hontem e do que somos hoje. É incontestavel que o nosso estado financeiro não é florescente. O povo pensa que o mal vem da má administração da fazenda; queixa-se de termos gastado mais do que podiamos.

Ha quem julgue que o mal nasce de termos pago pouco; que se os impostos se tivessem augmentado, o deficit teria desaparecido e a nossa actual situação economica seria um mar de rosas.

Para o provar era mister mostrar que na cobrança tinha sempre havido a mais severa fiscalisação; que todas as despesas tem sido bem ordenadas, necessarias e productivas.

Não basta dizer: construam-se estradas, construam-se caminhos de ferro para ser um grande homem. Contrahir emprestimos é facil quando não se põe limites ao juro.

Os Lucotte, os Heslop, os Salamanca não são só accessiveis a quem tenha dotes sobrenaturaes; familiarisam-se com qualquer ministro vulgar.

Nunca ninguem disse que o desen-

Porem debalde engrossa a voz e se espanta por Deus não ter ainda julgado o mundo digno d'outro diluvio; conhece-se que o bom homem não ha de vir a ser um Juvenal, e que os innocentes horrores com que vae intrometer-nos, não exasperarão ninguem. Quaes são os crimes d'esse seculo podrido e horrivel?

O primeiro é a avareza: todos querem receber e ninguem sabe dar. A accusação não é nova, e neste ponto não julgamos que o mundo tenha feito differença desde Guyot. Todavia, se lhe dermos credito, havia mais generosidade out'ora. Os principaes acolhiam os cantores e faziam-lhes ricos presentes; a sua corte era o ponto onde se reuniam as bellas damas e os valentes cavalleiros, o centro das festas e das cavalhadas, onde se espalhava ouro e vinho em profusão. Presentemente, encerramos-nos em casa anojados e aborrecidos: tem logar aqui as censuras que dirige ao seu seculo Guyot, que não tem lar nem familia e que estima encontrar, de quando em quando, uma boa meza onde se sente e uma companhia divertida.

De que parte vem o mal? Em primeiro logar do papa: *ab Jove principium*. Gallicano decidido, como Rutebeuf Guyot não tem maldições sufficientes para aquella cidade de ambição e de malicia, onde Romulo matou seu irmão, Nero sua mãe, onde Julio Cezar foi assassinado e S. Pedro martyrisa-

volvimento da viação publica era dispensavel; o que se tem asseverado e com razão, é que a parte da receita do estado consagrada a melhorar a circulação desta deve accomodar-se aos capitães de que pode dispor o paiz.

É na apreciação da oportunidade de tal ou tal melhoramento que se descobre o facto da habilidade d'um ministro de obras publicas e não na adopção de aphorismos como *parar é morrer, o povo pode e deve pagar mais*, que não dão gloria a quem os inventa e muito menos a quem os admira, ainda depois de tanto desgano.

Se é difficil decidir quando convem ser largo, quando parcimonioso com as obras publicas, não se carece de talento para reconhecer se um melhoramento na viação foi ou não realisado em tempo opportuno. O custo de um caminho de ferro, por exemplo, é um capital, cujo juro e amortisação deve ser pago pelos lucros da exploração: enquanto a empresa não auferir esses lucros, as vantagens que a sociedade colhe desse melhoramento não compensarão o seu custo, que poderia ter sido mais

do:

Ha ! Rome, Rome,  
Encore ociras-tu maint home !

Entoa aquella eterna queixa dos rhymadores e dos oradores populares da idade media contra a avareza dos cardeaes, que levam o dinheiro do reino para além dos montes:

Rome nos suce et nos englot (1)

Apesar de ser homem d'Egreja, Guyot não gosta de ver as riquezas publicas e privadas sumirem-se nos cofres do clero. É de parecer que teriam melhor applicação empregando-as em construir estradas, pontes e hospitaes: idea singular n'um frade do seculo XIII. Trezentos annos mais tarde, Erasmo conta-nos nas suas cartas (Basil., 1.º de sept. 1528) que um Allemão foi queimado vivo por ter pensado do mesmo modo. Porem no tempo de Guyot, quando as fundações piedosas se multiplicavam e prosperavam, ninguem se assustava com estas satyras. Atraz dos cardeaes vem os arcebispos e os bispos, o clero regular e secular. Abbades, priores, frades negros, brancos, pardos, nenhnm escapa á lingua do maligno confrade. Viu-os todos de perto. Foi a Cluny e de lá sahio meneando a cabeça e dizendo consigo que daria

Dose freres por un ami.

Viveu quatro mezes no refeitório de

(1) Engole

proficuamente empregado.

Se a construcção do caminho é feita por uma companhia estrangeira, que só o explora com perda, o paiz tira proveito do sacrificio; porem qualquer subsidio, qualquer concessão com que a auxilie o governo, fazem recahir as despesas sobre o contribuinte e elle é o sacrificado.

Ora quem se atreverá a dizer que os nossos caminhos de ferro nos estão baratos, que foram construidos em boas condições? As difficuldades que tem trazido ao governo, as exigencias a que elle se tem visto obrigado a ceder, as modificações nos primitivos contractos, o mau serviço, de que se ouvem continuas queixas, indicam claramente que não foram empresas serias feitas em circumstancias de prosperar.

Note-se que nas relações com os empreiteiros ser facil e arrojado não é ser sagaz: o grande ponto é não se deixar imbaír. Os capitalistas pintam as peiores empresas com as mais brilhantes cores para n'ellas enredarem governos e accionistas, abandonando-os aos apuros e riscos da empresa e auferindo elles lucros certos, pois hão sabido, como se tem dito,

Clairvaux, bebeu do vinho turvo dos irmãos menores, em quanto que o prior e os abbades guardavam para si o claro, a carne e os peixes melhores. Visitou a Chartreuse, e sahio de lá depressa, decidido a saltar pela janella, se necessario fosse. Esta casa sombria e triste, onde cada um vive na sua cela e cozinha para si a um canto, soprando e aticando o fogo sozinho, sem diser uma palavra ao visinho, assustou-o como se fosse um tumulto. Conpanheiro jovial, Guyot não queria a solidão nem no Paraizo,

Paradis ne serait-ce mie  
Oú je n'auroie compaignie.

Dotado de genio benevolo e de estomago exigente não se dava bem com aquella regra que faz da vida um interminavel jejum. Para elle a fé não é nada sem as obras, e todas as orações, abstinencias, devoções e penitencias, valem menos do que uma só virtude do Evangelho, pouco praticada nos conventos, a caridade.

P.



tornar para si os caminhos de ferro verdadeiros caminhos de ouro.

Ter estradas é excellente. Possuir caminhos de ferro é optimo; mas convem construí-los economicamente e olhar para a bolsa do contribuinte, e é o que não fez o partido que a si proprio se chama regeneração e fomento.

Porem o aspecto economico do paiz tem melhorado e só pode este facto proceder da attenção que se tem dado ultimamente aos seus interesses materiaes. Os que assim fallam blazonam de sabios e profundos; e interpretam os factos deploravelmente.

O que vemos não é como julgam. Até 1848 a maravilhosa prudencia do monarcha francez manteve a paz no resto da Europa; e nós os peninsulares debattiamos em guerras civis; depois a Europa tornou-se mais turbulente; e o nosso paiz, exhausto de capitaes, renunciou ás pugnas intestinas. Então aconteceu o que sempre acontece em eguaes circumstancias. Os capitaes affluiram ao paiz, quer trazidos por extranhos, quer pelos que haviam emigrado para tentar fortuna e regressavam enriquecidos á mãe patria.

Foi então que o nosso estado melhorou.

Mas as industrias que primeiro prosperaram não foram as que se desenvolvem quando um paiz se regenera por esforços propios, por um estímulo interior; foram as que medraram quando elle se opulenta com importações, augmenta como por justa posição.

E' ridiculo andarmos sempre imbebidos no nosso passado, bradarmos continuamente que fomos uma das sete maravilhas do mundo, um povo de heroes a quem Neptuno e Marte obedeceram; mas não vamos cahir no excesso contrario. Não antepoñhamos o triste presente ás epochas das nossas glorias, em que tinhamos um mais intenso viver, ao gradioso periodo da dynastia de Aviz, em que eramos uma nação sentindo-se crescer em bríos patrioticos e em genio emprehendedor.

Somos um povo decadente. Escrevo estas palavras com tristeza, mas não sei ser lisongeiro. Se a admiração do passado é infructifera; a admiração de si proprio é mais perigosa. Precisamos sanar muitos males; e não acharemos remedio confiando nesses homens que julgam a epocha gloriosa só porque os viu nascer, e o paiz ditoso unicamente pelos possuir.

Estas reflexões não são intempeslivas. Não lavramos um epitaphio. Censuramos o que devemos temer, sobretudo depois da sahida do governo da parte reformista do ministerio; pois a administração do sr. Avila não promete ser duradoura, e, francamente, não é para desejar que o seja.

P. Amorim Vianna

Porto, 31 de Janeiro

(Correspondencia particular)

Está resolvida a crise ministerial. El-Rei depois de empregar todos os meios para conciliar o sr. marquez

d'Avila e Saraiva de Carvalho, consultou o sr. Bispo de Vizeu sobre o que deveria fazer-se, sendo impossivel a conciliação entre os dous ministros. O nobre prelado viziense respondeu que a solução era facil e clara, visto que d'um lado estavam dois ministros e do outro quatro. Então o chefe do estado concedeu a demissão ao sr. Bispo e Saraiva e encarregou o sr. marquez d'Avila de reorganisar o ministerio o que depois das escusas do estylo accedeu por fim. O sr. marquez resolveu não se auxiliar com novos collegas antes da abertura do parlamento e compoz o governo com os tres que lhe restavam. Encarregou-se interinamente da pasta do reino, ficando interinamente da justiça o sr. Mello Gouvêa. Dis-se que o sr. D. Luiz não se mostrava inclinado á apresentação do sr. Arcebispo de Goa no patriarchado de Lisboa.

Alguns governadores civis tem pedido a sua demissão.

Pariz capitulou. O exercito ficará dentro da cidade como prisioneiro de guerra.

Já chegou o sr. Palmeira Pinto director da alfandega d'esta cidade. É a segunda vez que desempenha este lugar.

O frio está insoffrivel. Não lembra um anno de tanta asperidade.

Tem estado gravemente enfermo o meu collega de Coimbra o sr. bacharel Arnaldo Teixeira de Souza Leite. Desejo-lhe promptas melhoras.

Mais nada.

B. C. Barbosa

## NOTICIARIO

**Delenda Carthago**— Vamos examinar de perto, como promettemos, o milagre da oliveira.

Para que tivéssemos obrigação de o acreditar, seria necessario: 1.º que houvesse um documento authenticico e solemne d'este milagre; 2.º que a Sé Apostolica o tivesse approvedo, como mandam os decretos pontificios.

O Livro dos Milagres não tem tal approvação, e, quanto a documento authenticico e solemne, não o ha. Ha apenas uma certidão d'um pseudo Affonso Peres, que falla *incidentemente* d'este milagre.

Em todos os outros, ha um tabelião, que os subscreve; ha testemunhas, que, se os não assignaram, são sempre nomeadas, e não deixa nunca de se mencionar a procissão, que o Cabido manda fazer, para apregoar o milagre.

O milagre da oliveira, o estupendo milagre da oliveira, esse nem teve honras d'uma procissão, nem mesmo d'um registro em forma!

Esta penuria de solemnidades é já altamente significativa.

Mas ha cousa peor. Releia-se o extracto da certidão, que falla do milagre:

«... e quando estava junto d'ella (oliveira) assentaram que estava secca, e daquello dia a tres dias começou a reverdecer, e deitar ramos, e eu Affonso Peres tabelião esto escrevi, o qual milagre trasladei somente do livro, donde estão muitos escriptos, que se guarda no archivo d'aquella egreja, para dizer que do dia d'elle se deu a esta egreja o titulo da Senhora da Oliveira, que hoje se observa; porem o mais certo é tomalo do lugar onde esteve enterrada, pois nelle deixou o seu».

Aqui está a linguagem do seculo XIV!

Para se avalliar melhor o escandaloso, compare-se a linguagem d'esta

certidão com a d'uma outra, escripta pelo mesmo Affonso Peres, e publicada por Carvalho:

«Aos XVI de setembro anno 380 (lede era de 1380), antes da pestelencia me catarão a Guimarães, para ver a Santa Maria, e por tal guiza me endereitou o braço, e coube saule, que estava encolheito, e com grão folga assiney com el, logo o Chantre, Conigos, e Chagos, fisco procissão a Santiago, donde me disgo, que vino S. Maria antiga, que fizo Santiago. Forão testemunhas... e Affonso Peres tabelião. escrevo este milagre».

Haveria só um meio d'explicar a modernice da linguagem da primeira certidão: era, se Torquato, que nol-a transcreve, lhe tivesse tirado, por sua conta e risco, o seu ar antiquado. Esta explicação porem não tem lugar; porque Torquato, nos outros milagres, que copia, conserva-lhes os archaismos, e declara que os copiou *de verbo ad verbum* d'um livro de pergaminho—o eterno livro de pergaminho, que já vira Loureiro em 1351.

E' por tanto evidente, até prova em contrario, que a certidão, attribuida a Peres, é uma grosseira falsificação, em que se pretende pôr na bocca do primeiro archivista dos milagres do Padrão a declaração do milagre da oliveira, que o bom do Affonso Peres registaria decerto com todas as solemnidades, como fizera aos mais, se na verdade houvesse cousa que se parecesse com tal milagre.

Mas não houve; e a prova irrecusavel é que o milagre da oliveira nunca entrou no corpo das tradições populares. Perguntae por elle a qualquer homem do povo; não vos sabe responder. E no entanto uma arvore secca, que reverdece e começa a deitar ramos, era cousa para atrahir toda a população da villa e arredados; para se imprimir indelevelmente na memoria do povo; para se transmitir de geração em geração, e tornar-se assumpto, não d'uma tradição, mas d'uma duzia d'ellas.

Longe d'isso; a oliveira é, e será para o povo a agulhada do Wamba; e para nós é de fé que foi esta tradição quem deu aos falsarios a idéa do seu milagre. Supprimir o nome do rei godo, substituir Deus por Santa Maria... o resto estava feito, porque, na tradição do Wamba, o milagre consiste precisamente n'uma vara secca que reverdece e deita ramos.

Os forjadores do milagre moderno não contaram com o afferro do povo ás suas crenças e tradições...

Devemos-lhe comtudo agradecer uma cousa: é terem destruido a unica razão, com que muita gente ainda hoje se inclinaria a crer que em outros tempos haveria o quer que fosse com a oliveira, pois que de certa epocha em diante Santa Maria toma a invocação de Senhora da Oliveira. Essa razão, diz-nos o precioso documento que não vale nada, para a questão do milagre: o titulo de Senhora da Oliveira veio-lhe do sitio em que ella estava enterrada.

**Cavalleiros polticos**— Os srs. Governador Civil, secretario geral e administrador de Braga, e os srs. administradores, effectivo e substituto, de Guimarães, apenas souberam da queda do ministerio pediram a sua demissão, e deixaram logo, d'exercer o cargo, para

que se não pense que desejam ser instados para continuarem.

Os homens que não suppõe a dignidade e o pondonor incompativeis com a politica fazem assim.

**Rua da Fonte Nova**—Acha-se quasi concluida esta rua, que fica sem contestação a mais solidamente construida de Guimarães. E' na perfeição das obras, e não quantidade, dependente unicamente dos recursos municipaes, que as vereações mostram o seu zelo.

Os que exigem que as camaras se desfaçam em dinheiro, para n'um abrir e fechar d'olhos transformar Guimarães, proponham-se para o proximo biennio, e mostrem as suas habilidades. Fallar de fora é facil, mas o publico quer mais ovos e menos flores.

**Passagem**—Hontem passou aqui em caminho para a sua casa da Bouça o sr. conselheiro Antonio Alves Carneiro, digno ex-governador civil d'este districto.

**Chegada**—Chegou tambem hontem o sr. visconde de Pindella e a sua familia, que estão hospedados em casa do sr. Gaspar Lobo.

Sua ex.<sup>ta</sup> demora-se até amanhã, sabbado.

**Uma bota que deu que fazer aos sapateiros**—Lê-se no «Diario Popular»:

Eis uma galga com graça: Na semana ultima contou-se em Braga que iria áquella cidade o vice-consul da Prussia, para encomendar aos sapateiros cincoenta mil pares de botas para o exercito allemão. Bateu-se tudo a fazer botas, compraram-se arrobas de cabedal, e quando muitos esfregavam as mãos de contentes cuidando que ficariam com o fornecimento, soube-se que um ratão de bom gosto tinha posto a galga a correr para se divertir á custa dos sapateiros de Braga.

Não se envergonhem do logro, que de cá já foi muita gente á beiramar para ver o homem das botas de cortiça que havia atravessar o Tejo.

**As anexações**—O «Jornal de Genebra» noticia que as victorias da Prussia fizeram virar o miolo ao seu fiel alliado, o gran-duque de Bade, e que este principello começa a ser tomado de febre annexionista.

Não se pode suppor que seja contra sua vontade que os seus muito obdientes subditos se agitem e convoquem «meetings» para reivindicarem certas porções do territorio badense, impedem consideravelmente na occasião presente a circulação dos trens militares.

**Crueldade**—Eis uma prova da crueldade dos prussianos. O facto que vamos contar, executou-se com reflexão e serenidade, e manifesta o odio frio com que a Prussia continua a sua conquista.

O saque, o roubo, o assassinio sempre! Fleurimond Edmond matou no 4.º de janeiro um official prussiano que queria forçar a entrada de uma casa, com a ameaça na boca e o revolver em punho. Depois de ter lançado ao rio o corpo de seu inimigo, Edmond dirigio-se a Nuneq, a 4 kilometros de Frevent, na estrada de Lillers.



Alguns individuos de Frevent, enviados não se sabe por quem, convidaram-no a voltar disendo que tudo se tinha arranjado mediante um resgate de 10 mil francos. O infeliz, sem desconfiança, voltou a Frevent com aquelles mesmos homens cantando a *Marselhesa*.

Estava a jogar as cartas no caffè de Fonderie, com a tranquillidade de um homem que cumpriu o seu dever, quando os prussianos prevenidos chegaram para o prenderem. O primeiro que lhe pôz a mão teve que saltar pela janella, os outros porem lançaram-lhe um laço ao pescoço, e depois de o terem atado fortemente, levaram-no para Aix le Chateau.

No dia seguinte, 2 de janeiro, ás 8 horas da manhã, Edmond era conduzido para Fervent, ainda amarrado. Passaram-no assim pela cidade até ás tres horas da tarde.

Aquelles desalmados feriam com as lanças e com as baionetas um homem desarmado e indefeso. O sangue corria-lhe de todo o corpo e estava quasi sem sentidos quando o enforcaram em um lampeão da praça; então todos á porfia lhe dispararam tiros de espingarda e de revolver como a um alvo.

Uma bala acertou-lhe no peito direito e sahio-lhe pelas costas, outra depois de ter atravessado a face direita, ficou-lhe na cabeça.

Os habitantes de Frevent assistiram a este espectáculo com todo o sangue frio e sem protestarem.

**Pedibus andando!**... — Falava-se de viagens e de meios de locomoção.

— Eu por mim, dizia um veterano, fiz sempre as minhas viagens *pedibus andando* para maior rapidez.

Não entendeu a phrase uma senhora, mas reteve-a na memoria.

Poucos dias depois morreu-lhe o pae de repente.

— Com que então morreu seu papá?

— E' verdade, respondeu ella muito afflicta, *pedibus andando!*

**La Illustracion española y americana**—Recebemos o n.º 26 do excellente jornal illustrado que se publica em Madrid nos dias 5, 15 e 25 de cada mez.

Alem de muitos artigos traz as seguintes gravuras:

Retrato del principe Gortchakoff. — Fachada principal de la cathedral de Orleans. — Preparativos de defeza em Lyon. — Vista de Tours: el canal. — Lectura de los telègramas de la guerra, em Marcelha. — La gran escalera del murea de Munich (Baviera). — Alegoria de Roma. — La ferta de Año Nuevo em Pariz. — Plaza de la Señoria y palacio Vechio de Florencia. — Retrato de don Juan Güeli y Ferrer. — Retratos de los señores Nandin y Moya, ayudantes del general Prim. — Atentado contra el general Prim. — Vista general de la Puerta del Sol de Madrid.

Esta ultima gravura occupdenas paginas.

Assigna-se em S. Damazo n.º 17

## VARIÉDADES

### A terra do meu natal

Quem não ha de amar Coimbra  
Nobre lica do talento  
Rico patrio monumento  
Coração de Portugal  
Quem não sente amor ao vel-a  
Levantar-se caprichosa  
A mirar-se como a roza  
No Mondego de crystal.

Aqui vò o genio livre  
Tem o echo melodia  
Tem a alma sympathia  
A vida prazer real;  
Como a mãe sobre o seu filho  
Aqui põe a patria os olhos  
N'este chão limpo d'abrolhos  
Medra a planta social.

Formosa Cintra aprazível  
Risonhas margens do Lima  
Vosso encanto, vosso clima  
Vosso orgulho nada val,  
Pelo seu vasto horizonte  
Pelas fontes e verdores  
Pelo céu todo d'amores  
Coimbra não tem rival.

Eu deixo por ella Cintra  
Deixo o Lima bemfazejo  
Que o Mondego vence o Tejo  
Vence Coimbra a capital:  
Só não deixo por Coimbra  
Nem me esquece no Mondego  
Uma só terra—Lamego  
A terra do meu natal.

Barboza

## AGRADECIMENTOS



Julio Pinto Monteiro Girão e filho José d'Affonseca Girão peñorados em extremo pelas subidas provas d'amizade e consideração, que receberam de todos os ill. mos e exm. os srs. e sr. as, que tomam parte na sua dôr por occasião da sentida morte de sua extremoza espoza e mãe D. Anna A. Fonseca Girão: vem por este modo agradecer-lhes e protestar a todos a sua gratidão infinita, já que d'outro modo o não podem fazer.

Do mesmo modo agradecem aos reverendos ecclesiasticos que gratuitamente assistiram aos responsos de sepultura, e ao digno director da Filarmonica «União Vimaranesa» que tam generosamente concorreu para a maior pompa d'aquelles actos, ao illm.º sr. Augusto Mendes da Cunha, que de tam boa vontade se prestou a dirigil-os.

## ANNUNCIOS

Pelo jnizo de direito d'esta comarca, e cartorio do escrivão Ferreira Porto, se tem de arrematar no dia 18 do proximo mez de fevereiro pelas 10 horas da manhã, no tribunal judicial da comarca, collocado no extincto convento de S. Domingos d'esta cidade, os fructos e rendimentos d'uma morada de casas, com cozinha, quartos, salas, barras, lojas e metade do quinteiro, e mais pertencas avaliadas annualmente livre réis 25\$000; a rais fructos e rendimentos de um canastro, eira, roxio e palheiro avaliado para sempre livre em 100\$000 réis; a rais, fructos e rendimentos do campo do Bacello, avaliado para sempre livre em réis 320\$000; a rais fructos e rendimentos do campo do Conforcado, com uma casa que se acha junta avaliada para sempre livre em 450\$000 réis. Todas as ditas propriedades são sitas no logar e freguezia de S. Gens de Salamonde julgado de Vieira; quem pertender pode comparecer no dito dia hora e local, que se entregarão a quem mais offerer acima d'ava-

liação, ou logo que haja quem cubra o valor das quatro quintas partes da mesma.

## EDITAL

Na secretaria da administração deste concelho de Guimarães acha-se antoada uma representação documentada da ex.ª camara municipal desta cidade, pedindo a Sua Magestade que seja decretada a expropriação por utilidade publica de uma oliveira com a sua cercaduda de pedra existente no largo da Oliveira desta mesma cidade, afim de todas e quaesquer pessoas interessadas apresentarem, no prazo de 10 dias, as reclamações e observações que julgarem convenientes na conformidade da lei de 23 de julho de 1850.

Guimarães, 1.º de fevereiro de 1871.

O administrador substituto,

Antonio José da Silva Basto

## DECLARAÇÃO

Em virtude das ordens recebidas de s. ex.ª o sr. Arcebispo Primaz de Braga de 14 de dezembro do anno preterito tendente ao peditorio e donativos para as necessidades do Santo Padre Pio IX, o parochio de S. Sebastião da cidade de Guimarães, nomeou uma comissão de cidadãos seus parochianos, e com elles percorreu a freguezia e recebeu offertas em dinheiro na quantia de 65\$500 réis entrando n'esta conta 2\$500 rs. de um anonymo d'esta cidade cuja quantia a respectiva comissão vae entregar ao muito reverendo Arcipreste do districto e receber d'elle o competente recibo segundo as instrucções.

S. Sebastião de Guimarães 2 de fevereiro de 1871.

Abade Antonio José Ferreira Gomes—presidente.

Padre João Martins Machado

Padre Antonio Joaquim Teixeira

Pedro Lopes Guimarães

Antonio Joaquim Ribeiro de Souza Guimarães.

Manuel José da Silva Miranda—secretario.

## VENDA DE BENS

Vendem-se os bens denominados do Arieiro, sitos na freguezia de S. Romão de Mezão-frio, foreiros ao ex.º cabido. Quem os pertender dirija-se ao revd.º padre J. J. d'Araujo Leão, da freguezia de Santa Maria-de Telhado, ou a A. J. P. Martins, rua dos Trigaes, desta cidade.

## DIVIDENDO

No dia 20 do corrente principia a ser paga no escriptorio da agencia do Banco do Minho nesta cidade, largo de S. Francisco n.º 1, o dividendo de 4\$000 réis por acção relativo ao 2.º semestre de

1870.

O Agente,

Domingos J. Ferreira Guimarães.

VINHO DARIBEIRA DE VILLARIÇA



(PARA LIQUIDAÇÃO)

## CAMPO DA FEIRA N.º 16

Vinho branco (quartilho) . . . 60  
» tinto 1.ª » . . . 40  
» » 2.ª » . . . 30

Vinho branco (almude) . . . 2\$300  
» tinto » . . . 1\$500  
» » » . . . 1\$250

Vende-se tambem na rua de D. João I em casa de Ignez Martins.

## RAPÉ

Grande redução de preços!

20 % aos consumidores!

Rapé fino e meio grosso do melhor em massas de 25 grammas 40 reis, em 50 grammas 80 reis, em 100 grammas 160 reis e em 250 grammas 400 reis!!!

Vinagrinho em massas de 25 grammas 45 reis, em 50 gr. 90 reis, em 100 gr. 180 reis e em 250, gr. rs. 450 reis!!!

Vende-se na livraria Internacional rua de S. Damazo, onde ha um deposito de tabacos de todas as fabricas.

## Processo e julgamento

DE

José C. Vieira de Castro

PREÇO 300 REIS

Remette-se pelo correio a quem mandar 330 rs. em estampilhas á livraria Internacional, rua de S. Damazo n.º 47, Guimarães.

Antonio do Couto Vinagreiro e e.ª faz publico, que desde o dia 1 de novembro em diante sahirá um carro para o Porto ás 6 horas da manhã, continuando a sahir tambem o carro da 1 hora da tarde.

Preços os do costume.

Os bilhetes vendem-se no escriptorio de José Joaquim de Lemos á Porta da Villa.

## Mudança d' hora

O carro do Narcizo Marques que desta cidade partia para Braga diariamente ás tres horas da tarde desde o dia 10 inclusive sahe para aquella cidade á 1 hora da tarde, excepto todos os sabbados que será ás 5.

Guimarães 3 de novembro.



